

HIPO PARA UM MÁRTIR

Milton Affonso da Silva

RESUMO: *Hino do supliciado. O Cristianismo, facho da esperança. O martirio, caminho para a vida eterna.*

PALAVRAS -CHAVE: *Hino. Religião. Refrão.*

Hino para um Mártir, de autor ignorado e de data incerta da Idade Média, apresenta-se-nos como uma oportunidade para deixarmos o pensamento seguir à deriva pela distância do tempo e do espaço e nos imaginarmos nos alvares do Cristianismo.

Naqueles tempos, o Império Romano se arvorava em ser o Império das grandes conquistas. Duras, cruéis e, às vezes, até sanguinárias. Era um Império, simbolizado pela águia, que sobrevoava espaços não imaginados, tão rico, mas constituído de povo maltratado e tão pobre. Pobre também de esperanças e de ilusões, buscando uma pequena luz que lhe poderia aparecer, como uma chama de esperança que o Império lhe negava.

No Cristianismo, surge essa esperança e, ele, na figura do Salvador, aumenta pouco e pouco seu número de adeptos, de também martirizados e supliciados, numa sucessão vertiginosa que culminaria em ser uma seita de “fanáticos” desejosos por obter essa luz maior, buscando na fonte desconhecida a própria razão de existir.

O Cristianismo veio popularizar uma idéia importante, já implícita nos ensinamentos dos estóicos: a de que o dever do homem para com Deus é mais imperativo do que o seu dever para com o Estado. E essa opinião de dever-se obedecer mais a Deus do que ao Homem, como Sócrates e os Apóstolos afirmavam, em época e circunstâncias diferentes, sobreviveu a tudo para alimentar de algum modo o ideal subversivo da nova fé.

Assim, surge o Messias anunciado. E Ele pregou e foi pregado na cruz, como exemplo do poder do Homem sobre o homem. Mas as dores de seu sofrimento passaram a fazer parte da vida do homem simples que a tudo assistia. No princípio, como distração para os olhos e para a mente desocupada. Depois a luz se fez para ele em todos os quadrantes de sua alma e a lição de dor e de humildade virou uma bandeira de conquista. E

com muito martírio e também com muita fé se fez o Cristianismo. E ele brotou numa terra fecundada para fazer crescer o amor de Cristo.

Ele trouxe ao mundo uma reduplicação do gosto de viver, ao mostrar aos homens que a vida terrena era apenas uma preparação para a vida eterna.

É o próprio Cristo que anuncia aos homens: “Ego veni ut vitam habeant et habeant abundantius.” (Ioan. X. 10)

Hino para um Mártir, anuncia-se, por seu engajamento na luta pelo Cristianismo e também pelo valor de desprendimento que deixa entrever em suas estrofes.

Eis o texto:

Quid, tyranne, quid minaris?
Quid usquam penarum est?
Quicquid tamen machinaris
hoc amanti parum est.

Dulce mihi cruciari,
parva vis doloris est;
malo mori quam fedari,
major vis amoris est.

Para rogos, quamvis truces,
et quicquid tormenti est,
Adde feras, adde cruces:
nihil adhuc amanti est.

Nimis blandus dolor ille!
Una mors quam brevis est!
Cruciatu amo mille,
Omnis pena levis est.

Dulce mihi sauciari,
parva vis doloris est:
malo mori quam fedari,

Por que, ó tirano, por que ameaças?
Por que até aqui há castigo?
No entanto, tudo o que tramas
é tão pouco para quem ama.

Doce é para mim ser crucificado,
pequena é a força da dor;
prefiro morrer a ser desonrado,
maior é força do amor.

Prepara as fogueiras, embora cruéis,
e alguma coisa é para o tormento.
Anima as feras, acrescenta as cruces;
nada ainda é para quem ama.

Aquela dor é excessivamente suave!
Uma morte quão breve é!
Amo mil vezes o suplício,
todo castigo é muito brando.

Doce para mim ser martirizado,
pequena é a força da dor;
prefiro morrer a ser desonrado,

major vis amoris est.

maior é a força do amor.

Hino para um Mártir foi, possivelmente, escrito para exaltar os mártires cristãos, supliciados em fogueiras, jogados às feras ou crucificados, como o seu Divino Salvador.

O poema é composto de cinco estrofes de versos alternados entre sete e oito sílabas e deve ser considerado um poema heptassílabo ou rendodilha, termo de origem espanhola, concebido em métrica acentual do período românico, muito utilizado, não só pelos trovadores, como também pela poesia de feição popular de todos os tempos.

Do rei D. Dinis, colheu-se um exemplo, numa estrofe de um cantar d'amigo:

Que trist'oj' é meu amigo,
amiga, no seu coração!
ca non pode falar migo
e, veer-me, e faz gram razom
meu amigo de trist'andar,
pois m'el non vir e lh'eu nembrar.

A literatura de cordel nordestina põe na boca de Antônio Silvino e Lampeão uma narrativa em primeira pessoa:

Aos macacos do governo
Eu não pretendo entregar-me
Fugirei sempre das tropas
Porém se alguma cercar-me
Lutarei como um possesso
Até a vida faltar-me.

No poema, **Hino para um Mártir** observa-se que a estrutura formal das estrofes obedece ao esquema de rimas cruzadas, possibilitando a fórmula **A B A B**:

Quid, tyranne, quid minaris?	A
Quid usquam penarum est?	B
Quicquid tamen machinaris	A
Hoc amanti parum est."	B

O poema também apresenta duas estrofes alternadas que servem de **refrão**, ocorrendo em uma delas, a substituição da palavra **cruciari** por **sauciari**

Dulce mihi **cruciari**
parva vis doloris est;
malo mori quam fedari,
major vis amoris est.

O refrão era um procedimento comum na liturgia. Cada seqüência ordinária era dividida em estrofes e seguidas de um antístrofe sobre a mesma melodia.

As mais antigas seqüências começavam pela palavra **alleluia**. Nessas ocasiões, o solista cantava o verso e o coro repetia de novo a palavra **Alleluia**, enriquecendo-a de melismas, tal como hoje no canto gregoriano.

Cantemus cuncti melodum nunc
Alleluia

Nunc vos, o socii,
Cantate laetantes
Alleluia.

Et vos, puerulli,
Respondete semper
Allelluia.

Mais tarde, a palavra **alleluia** foi substituída, sobretudo na Alemanha, por uma estrofe de introdução, principalmente escrita.

Na Alemanha, Notker Berg criou um modelo de seqüência por uma simples introdução, libertando-se da obrigação de rimar.

Hic novam prolem
Gratia parturit
Fecunda spiritu sancto.

Fugiunt universa
Corpori nocua.

Hic vox laetitiae personat
Angeli cives
Visitant hic suos
Et corpus sumitur Christi.

Na Espanha e no Sul da Gália, a liturgia desses países repousava sobre o canto responsório que parece ter tido papel importante. O solista cantava um texto e a assembléia respondia-lhe, repetindo um refrão após cada partitura.

O refrão poderia ser uma simples palavra, ou onomatopéia ou uma frase elementar e em alguns casos revestia-se de maior complexidade por se apresentar como complemento necessário à estrutura do poema.

Tomemos como exemplo a **Bailada das aveleiras floridas**, de Aires Nunes:

Bailemos nós já todas três, ai, amigas,
só aquestas avelaneira frolidas;
e quem for velida como nós, velidas,
se amig'amar,
só aquestas avelaneiras frolidas
verrá bailar.

Bailemos nós todas três, ai, irmanas,
só aqueste ramo desta avelamas;
e quem for louçana como nós, louçanas,
se amig'amar,
só aqueste ramo desta avelanas
verrá bailar.

Por Deus, ai, amigas, mentr'al non fazemos,
E quem ben parecer, como nós parecemos,
Se amig'amar.
Só aqueste ramo, só que nós bailemos
Verrá bailar.

O refrão assumia tal importância na tessitura do poema que alguns autores sustentam que dos cantos entoados nas festas da Igreja teriam provindo as imitações populares das cantigas amorosas com refrão, em estrofes breves ou não.

O paralelismo da idéia nos pares estróficos e a repetição rítmica do estribilho, tiveram como germe nos versículos da liturgia católica, na qual se usava e ainda se usa, fazer da idéia-mestra um refrão moncórdico dos hinos.

O povo, à custa de ouvi-la, aceitou e assimilou esta repetição rítmica, e os trovadores poliram as trovas do povo, aperfeiçoando-a e imprimindo uma alta expressão nas cantigas de amigo, tal como são vistas nos cancioneiros galaico-portugueses.

Uedes, fremosa mha senhor,
Segurantent' o que farey:
En tanto com' eu uyuo for,
Nunca uos mha coyta direy,
Ca non m'auedes a creer,
Macar me ueiades morrer,

Por que uos ei eu, mha senhor,
A dizer nada do meu mal?
Pois d'esto são sabedor,
Segurament'u ñ iaz al,
Que non m'auedes a creer,
Macar me ueiades morrer.

O Hino para um Mártir pode, por sua subjetividade e estar posto em defesa do cristão injustiçado, ser considerado um poema lírico.

O autor usa a função apelativa, quando se dirige a seu opressor, fazendo dele o centro de toda a atenção, espicaçando-o por sua crueldade

Quid, tyranne, quid minaris?
Quid usquam penarum
et quicquid tamen machinaris
hoc amanti parum est.

Para rogos, quamvis truces,
et quicquid tormentio est,
adde feras, adde cruces:
nihil adhuc amanti est.;

Nessas estrofes, o uso do imperativo (**para, adde**), a interpelação e o vocativo (**quid tyranne, quid minaris**) conduzem-nos à conclusão da função apelativa.

Há, sobretudo, que destacar a função poética, pelo alinhamento dos versos em condições rítmicas, proporcionando musicalidade à frase. E, ao ler-se, o refrão:

Dulce mihi cruciari,
Parva vis doloris est;
Malo mori quam fedari
Major vis amoris est.

Verifica-se a clara presença da função emotiva pelo transbordamento do **eu** lírico, pelo qual o autor deixa passar todo o sentimento de dor e sublimação dessa sua dor tão íntima.

Nessa estrofe-refrão, encontra-se o jogo de palavras **parva x major; doloris x amoris**, ensejando valores opostos, tão característicos da antítese.

Há no **Hino para um Mártir**, todo um sentimento de tristeza que nos possibilita sentir aquele transe sofrido pelos cristãos atirados à arena.

Palavras como **cruces, rogos, doloris**, indicadoras de elementos reais e violentos transmissoras de dor, traduzem, na realidade, um sentimento maior de exaltação, fortalecendo a fé e a confiança inabalável na eterna salvação.

Eis o que a quarta estrofe parece querer dizer:

Nimis **blandus** dolor ille!
Una **mors** quam brevis est!
Cruciatus amo mille,
Omnis pena **levis** est.

As palavras **blandus, mors, cruciatus e levis** trazem, em si, no texto, uma forte carga semântica, favorecendo a idéia da confiança inquebrantável do viver eterno para os cristãos martirizados.

Confiança e fé estavam tão fortemente enlaçadas em suas almas cristãs que seus corpos apenas serviam de instrumento para a propagação e permanência de uma nova fé modificadora de todo um estado de coisas no já decadente Império Romano.

BIBLIOGRAFIA

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e Idade Média Latina*, INL, RJ; 1957;

FERREIRA, Joaquim. *História da literatura portuguesa*. Porto. Domingos Barbosa, 1957.

MOHRMANN, Christine, *Latin médiéval*. Paris, C. Klencksieck, 1955.

NORBERG, Dag. *Manuel Pratique de latin médiéval*. Paris, J. Picard, 1968;

SPINA, Segismundo, *Iniciação na cultura medieval*. RJ. Grifo, 1973.